

A MALDIÇÃO DA RESIDÊNCIA HILL – O PROTAGONISMO DA CASA DA COLINA COMO ORGANISMO VIVO: UMA ADAPTAÇÃO DA OBRA DE SHIRLEY JACKSON

Clarissa Paiva de Freitasⁱ

Resumo

Shirley Jackson foi uma das autoras mais respeitadas no século XX, sendo estudada pela academia e as bases literárias nos Estados Unidos. Em 1959, Shirley publicou o seu romance “*The Haunting of Hill House*” (A assombração da casa da colina) dando asas ao horror obscuro da mente humana. Nesta obra, a casa é um organismo pulsante erguido sobre inúmeras incógnitas, que se mostra segundo seus ideais e manipula seus moradores como marionetes ao jogar com a necessidade de situações e realidades alternativas que permitem testar os limites da (in)sanidade suportados por aqueles que por ali passaram. Recentemente adaptada para uma série de TV, homônimamente intitulada como “*A Maldição da Residência Hill*”, a adaptação focou no protagonismo da mansão e para que isso chegasse de modo intenso aos espectadores, as bases familiares e emocionais dos ex moradores da casa passaram por reformulações. Este trabalho tem por objetivo analisar a construção da “personalidade” da residência Hill e como seu protagonismo influenciou e repercutiu diretamente na vida dos demais personagens apresentados.

Palavras-chave: Shirley Jackson; Adaptação; Casa da Colina; Residência Hill.

LA MALDICIÓN DE LA RESIDENCIA HILL – EL PROTAGONISMO DE LA CASA DE LA COLINA COMO ORGANISMO VIVO: UNA ADAPTACIÓN DE LA OBRA DE SHIRLEY JACKSON

Resumen

Shirley Jackson fue una de las autoras más respetadas en el siglo XX, siendo estudiada por la academia y las bases literarias en Estados Unidos. En 1959, Shirley publicó su novela "The Haunting of Hill House" (Asombración de la casa de la colina) dando alas al horror oscuro de la mente humana. En esta obra, la casa es un organismo pulsante erguido sobre innumerables incógnitas, que se muestra según sus ideales y manipula a sus habitantes como marionetas al jugar con la necesidad de situaciones y realidades alternativas que permiten probar los límites de la sanidad soportados por aquellos que, por allí pasaron. La adaptación se centró en el protagonismo de la mansión y para que eso llegara de modo intenso a los espectadores, las bases familiares y emocionales de los ex moradores de la casa pasaron por reformulaciones. Este trabajo tiene por objetivo analizar la construcción de la "personalidad" de la residencia Hill y cómo su protagonismo influyó y repercutió directamente en la vida de los demás personajes presentados.

Palavras-chave: Shirley Jackson; Adaptación; Casa de la Colina; Residencia Hill

1 – Introdução

Shirley Jackson nasceu em San Francisco em 1916. Quando era adolescente, sua família mudou-se para Rochester, Nova York, onde Jackson se formou na Brighton High School em 1934. Frequentou a Universidade de Rochester brevemente, mas depois desistiu e, finalmente, recebeu seu diploma de bacharel da Universidade de Syracuse. Na Universidade de Syracuse, Jackson trabalhou

ⁱ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC. Email: clla_pf@hotmail.com

no jornal da escola, *The Spectre*, e lá conheceu seu futuro marido, Stanley Edgar Hyman. Após a formatura, Jackson se casou com Hyman e eles se mudaram para uma área rural em Vermont, onde tiveram quatro filhos. O romance de Jackson, *Life Among the Savages* (1953) é um relato humorístico de suas experiências como mãe e esposa. A história que lançou Jackson aos olhos do público foi “The Lottery”, publicada em 1948 no *The New Yorker*. Shirley foi extremamente prolífica durante a década de 1950 em particular e sua produção é impressionante, e embora ela possa não ser tão aclamada pela crítica hoje quanto outros autores americanos do século XX, Jackson, sem dúvida, desfrutou de uma carreira altamente bem-sucedida. Veio a falecer com a idade de 47 anos de insuficiência cardíaca. Na época de sua morte, ela estava trabalhando em um romance intitulado *Come Along with Me*. As obras de Jackson influenciaram autores como Richard Matheson e Stephen King. Seus trabalhos vão desde contos bastante convencionais, muitas vezes voltados para revistas femininas, até as obras mais inesperadas e sinistras, que lhe valeram a reputação de escritora de terror gótica. Muitas de suas obras, em particular “The Lottery” e “The Haunting of Hill House”, foram adaptadas para outras formas, incluindo séries de TV e filmes. Ela escreveu seis romances completos, duas memórias sobre a vida em família, quatro coleções de contos, quatro livros infantis, uma peça teatral infanto-juvenil, cerca de trinta artigos de não-ficção, numerosas resenhas literárias e aproximadamente uma centena de contos individuais; esta última, a forma literária na qual se provou mais prolífica.

Shirley Jackson é responsável por uma das histórias de casas assombradas mais importantes da história da literatura americana e mundial, o romance *A Assombração da Casa da Colina* (*The Haunting of Hill House*), publicado em 1959.

“Nenhum organismo vivo pode existir muito tempo com sanidade sob condições de realidade absoluta; até cotovias e gafanhotos, supõem alguns, sonham. A Casa da Colina, desprovida de sanidade, se erguia solitária contra os montes, aprisionando as trevas em seu interior; estava desse jeito havia oitenta anos e talvez continuasse por mais oitenta. Lá dentro, paredes continuavam de pé, tijolos se juntavam com perfeição, assoalhos estavam firmes e portas estavam sensatamente fechadas; o silêncio se escorava com equilíbrio na madeira e nas pedras da Casa da Colina, e o que entrasse ali, entrava sozinho.” (“The Haunting of Hill House”, 2018)

Adaptada para o cinema em grandes produções pelo menos em três momentos históricos, recentemente a obra recebera mais uma adaptação – intitulada *A Maldição da Residência Hill* – dessa vez pela plataforma de streaming Netflix. Ao longo de sua titânica duração de 10 horas, a ousadia do roteiro garante o foco sobre o protagonismo da mansão. O trabalho desenvolvido a partir deste ponto, foca na nesta última adaptação recebida e como ela conseguiu captar e transmitir as emoções confusas e contraditórias que a Residência Hill proporciona a seus inquilinos.

1.1 – A Maldição da Residência Hill – apresentando a adaptação

Uma adaptação, como o próprio nome já sugere, requer alterações no corpo do texto da história original, entretanto, tais mudanças servem ao propósito de tornar o objeto mais ocular e próximo ao espectador. Seguindo esse ideal, *A Maldição da Residência Hill*, adaptação da obra de Shirley Jackson, se dedicou a resgatar o clima sufocante que o livro garante aos seus leitores. Em primeiro lugar, a série nos apresenta aos constituintes da família protagonista: os Crain. A família formada pelo pai e mãe, além de cinco crianças, cada qual com suas próprias características, virtudes e (principalmente) defeitos é muito bem construída. Ajuda muito que cada um dos sete capítulos iniciais da trama gire em torno de um membro da família, contando não apenas a sua origem, mas como os personagens se tornaram quem eles são por influência do local onde viveram – A residência Hill.

A trama acompanha a Família Crain (que curiosamente era o nome do construtor da casa no romance). O casal, Olivia e Hugh, assumem a tarefa de restaurar uma imensa mansão gótica erguida na Nova Inglaterra. O objetivo deles é devolver à colossal propriedade, sua glória, restaurá-la e vendê-la para assim ficarem ricos. Ademais, a chance de trabalhar na lendária mansão os enche de satisfação. Os dois decidem se mudar para a propriedade, trazendo consigo seus cinco filhos, em ordem de idade: Steven, Shirley, Theo, e os gêmeos Nell e Luke. Cada criança “possui” o seu próprio playground, e perceber como os expectadores também são manipulados pela casa, como se estivesse dentro dela, é uma questão a ser observada também. Steven, o primogênito quer provar ao pai que pode ser útil e ajudar nas obras de restauração. Shirley alterna sua devoção aos pais com os desafios de sair da infância. Theo dá mostras de uma personalidade forte e uma sensibilidade para captar o mundo a sua volta de uma maneira única. Já os gêmeos veem a casa como um imenso playground a ser explorado, um que vai se mostrar bem perigoso. Cada criança encara a mudança para a mansão de uma maneira particular e serão intensamente afetados por ela. Também ao redor da família orbitam os zeladores originais, o Sr. e Sra. Dudley, que embora trabalhem na propriedade tem o bom senso de jamais ficam após o anoitecer. A Residência Hill é misteriosa, é quase uma presença tão palpável quanto as pessoas que nela se residem. Construída de forma doentia, nada nela é simétrico, nada soa normal, seus cômodos são estranhos e em certos momentos ela parece um labirinto com mil portas, sendo sempre preciso abrir várias, adentrando diferentes cômodos antes de se chegar ao lugar que precisa. Suas portas nunca param abertas, mesmo que pregadas ou escoradas, sempre se fecham sozinhas. É uma casa com vida.

Os Crain de vinte e poucos anos mais tarde seguiram direções opostas, uma espécie de negação aos eventos traumáticos e pouco compreendidos de suas vidas. Negar o laço familiar

evitando a convivência, funcionava como um meio de fuga de um passado do qual todos ainda lutavam para esquecer: A mãe falecera sob circunstâncias suspeitas; o pai, após certo período, afastou-se também e seu contato com os filhos era cada vez mais escasso. Steven alcançou sucesso escrevendo romances que exploravam os fenômenos paranormais da Residência Hill, muito embora ele negasse com veemência ter presenciado quaisquer fatos estranhos na casa e assumindo para si o fato de que sua família possuía “genes podres”, o que o levou a uma vasectomia – escondido da própria esposa – para que a doença causadora das tragédias em sua família não fosse passada adiante.

Shirley descobriu quando criança que tem uma forma particular de encarar a morte e se tornou uma agente funerária especializada em conceder dignidade aos mortos em sua despedida. A tentativa desesperada e paralisante de naturalizar a morte e a incapacidade de perdoar qualquer um, em qualquer situação, que rompesse com suas frágeis muralhas de autocontrole, demonstravam o quanto ela ainda era a frágil menina desesperada por respostas mas com medo de as encarar. Theo é uma psiquiatra infantil trabalhando com crianças traumatizadas e com um estranho dom para psicometria – a capacidade de ler objetos e pessoas através do toque. Theo consegue com maestria ser luz na vida das pessoas, mas bloqueia a si mesma e foge de suas próprias habilidades como uma forma de autopreservação. Nell leva uma existência complicada, marcada por tragédias e tentativas de preservar os laços da família. Mesmo depois de adulta, Nell ainda é a garotinha assustada que precisa de suporte e proteção, que nunca digeriu os eventos da infância e encara o desmonte da família com dúvida e desespero. Finalmente Luke, que recorre às drogas como uma forma de esquecer os traumas pelos quais passou e que ainda o assombram. É imagem clássica e dolorosa do viciado que encontra na autodestruição a fuga para uma realidade incompreensível.

2 – Residência Hill – Um organismo vivo

A residência Hill, logo que os Crain para lá se mudam, necessita de uma revitalização. É uma mansão imponente, vigorosa e carrega muitas marcas do tempo. A casa desperta sutilmente, com o passar dos dias desvenda seus novos moradores, arma-se com a fraqueza de cada um, projeta suas intenções inanimadas e por fim, é capaz de criar ilusões coletivas. Para compreender a residência Hill como um organismo vivo, é preciso passar pelo “estômago” da casa – o quarto vermelho. A primeira vista, apenas um cômodo qualquer, com uma porta diferenciada e cuja chave não fora encontrada de modo algum. Aparentemente comum, este quarto é definitivamente a parte viva da casa. Ao longo do dia, ele se apresenta para cada pessoa como algo convidativo, atraindo-os segundo suas preferências: para Olivia, o quarto vermelho se mostra como uma sala de leitura, com belas prateleiras, uma poltrona confortável, abajur e paredes com cores relaxante; para Steven, o

quarto vermelho se transforma no quarto de jogos, com um puff, estantes, móveis amontoados e cobertos para não acumularem muita poeira, quase como um depósito no qual o garoto fica horas entretido em seu videogame; para Shirley, era a acolhedora sala de estar, simples, aconchegante, na qual a garota se refugiava na alegria e na tristeza; para Theo, ali era o estúdio de dança, um amplo espaço vago ao centro, com barras para alongamento, aparelho de som e TV, um local perfeito para seus ensaios; para Nell, era o quarto onde estavam guardados todos os brinquedos, era a “sala de brincar” e, finalmente, para Luke, o quarto vermelho se mostrava como uma casa no topo da árvore, com placas de carro penduradas na parede, almofadas pelo chão, onde ele guardava seus carrinhos, bicicleta e para onde ia quando queria fazer seus desenhos. E assim, ao passar algum tempo naquele cômodo, cada um dá a casa aquilo que ela precisa: tempo para os engolir e digerir.

A casa faz uma “seleção” sobre qual dos moradores incidirá com mais força. Seguindo a ordem do mais afetado para o menos afetado temos:

Olivia: como existem várias plantas da casa, cabe a ela comparar todas e desenhar uma nova que servirá como base para o que precisa ser revitalizado ou reconstruído. Entretanto a mente de Olivia começa a nublar. Queixando-se frequentemente de crises de enxaqueca, ela passa a perder o controle sobre suas projeções, seus desenhos ficam emaranhados (com corredores que não levam a lugar algum, espaços que não existem, salões sem portas ou janelas) um verdadeiro labirinto desconexo e sem saída – um reflexo das alterações que seu psicológico está sofrendo, tornando-se confuso e delirante. Além disso, Olivia passar a ter alucinações, acredita que seus filhos estão em perigo e que seu marido, Hugh, quer levar as crianças para longe dela. Aos poucos torna-se impaciente e irritadiça para logo em seguida passar de ansiosa para um estado delirante e letal. É a primeira a ser diferida pela casa.

Nell: relata desde a infância ser perseguida por uma entidade – a moça do pescoço torto. Essa figura está constantemente em contato com ela, encarando-a sombriamente, de modo silencioso e emitindo um grito agonizante uma única vez. Depois de adulta, durante os anos em que conheceu seu marido e permaneceu casada, a tal criatura mantêm-se “adormecida”, voltando a assombrar Nell na noite em que esta se torna viúva. É a segunda vítima da casa.

Hugh: apesar de ter presenciado os eventos inexplicáveis que ocorreram na residência Hill na noite trágica que mudou sua vida, e de saber muito antes daquele dia que algo de errado acontecia naquele local, Hugh delongou o máximo possível a intenção da casa de o devorar. Mesmo sabendo que esse dia chegaria, ele tentou proteger os filhos, acreditando que se afastar dos mesmos seria um modo de os manter seguros. É a terceira e última vítima da casa.

Luke: perseguido, assim como sua irmã, por uma entidade enigmática representada por um homem alto, com bengala e chapéu, encontrou no vício uma forma de escapar da sensação de estar

acuado pelo passado, pelas lembranças sombrias da casa, pela dor de perder a mãe e de ter sua infância repleta de eventos inexplicados.

Theo: desde a infância, graças ao seu dom, percebe que a sensação térmica da casa é muito fria, mesmo em ambientes fechados e com lareiras, o clima é hostil e nada confiável. Desde cedo passa a usar luvas para evitar sentir a energia das coisas em que toca, bloqueando esse contato até mesmo com outras pessoas.

Shirley: é a que mais tem dificuldade em aceitar os eventos da infância e por isso cria ao redor de si um muro alto e frágil, porém eficaz em muitas medidas, que a impedem de encarar os fatos em toda sua crueza. Ao trabalhar como agente funerária, sua intenção é maquiagem a morte e naturalizar aquele fim tão abrupto cuja sombra paira sobre ela.

Steven: o garoto cético que nunca perdoou o pai e que o culpa pela morte da mãe. Adulto, escreveu muitos livros sobre os eventos anormais na Residência Hill, o que para ele era pura ficção já que havia morado ali e nunca presenciara nada de anormal além de comportamentos atípicos de sua mãe (que ele associava a doenças psíquicas) e as histórias cheias de imaginação infantil de Nell e Luke.

O que os Crain levam pouco mais vinte anos para compreender é que suas escolhas e ações de “suas” e “autênticas” não tinham nada. Ao saírem as pressas da mansão na madrugada que mudou para sempre suas vidas, cada um levava consigo um script cuidadosamente orquestrado pela casa, que sabia exatamente quando cada um regressaria e quem não sairia de lá.

2.2 – O protagonismo da Residência Hill

O ambiente da mansão Hill possui influência sobre as personagens, servindo como uma espécie de moldura para a vida de cada um. Cada membro é afetado segundo suas fraquezas o que pode ser entendido como o “ponto de digestão” que cada um tem aos olhos da residência. Em relação ao ambiente, Dimas elucida que: “Por ambientação, entenderíamos o conjunto de processos conhecidos ou possíveis, destinados a provocar, na narrativa, a noção de um determinado ambiente”. (Dimas, 1987, p.20). Este autor disserta sobre o ambiente na narrativa, que é apresentado por um conjunto de processos provocativos e conhecidos. Consoante Wellek e Warren (1976, p.275): “O ambiente é o meio circundante; e este, especialmente o interior doméstico, pode ser concebido como expressão metonímica ou metafórica da personagem. A casa em que um homem vive é um prolongamento deste. Descrevê-la é descrever o seu ocupante”. Analisando os autores percebe-se a importância da casa tanto na obra original de Shirley Jackson, como na adaptação que é alvo do estudo aqui apresentado.

A imagem primordial do universo terrestre é a casa com porão e sótão porque reúne as duas disposições contrárias que se ritmalisam na imaginação da terra: a psicologia do contra (vontade) e a fenomenologia do dentro (repouso). O sótão é o ninho, o aconchego que traz precariedade e segurança; o corpo e o ventre, o repouso e proteção; o porão é o labirinto, recintos das trevas e caminhos para a luz. (GONÇALO, 2008).

Segundo Proença (1997, p. 54), “O espaço é também chamado meio, localização. O ambiente envolve as condições materiais ou espirituais em que se movimentam as personagens e se desenrolam os acontecimentos. Através dele podem-se configurar traços das personagens e mesmo a própria estória”. Assim, constata-se que, para esse autor, o ambiente é o lugar no qual as personagens vivem, material ou espiritualmente, e também o cenário onde elas se movimentam, desenvolvem toda a ação. Nas palavras de Defina:

O ambiente é a localização, o cenário a situação no espaço, o “décor” da obra narrativa. É onde os fatos narrados acontecem, O meio, onde reina o clima no qual se desenvolve a ação, a estória. “O que no romance se chama ambiente é a relação personagem-meio físico e social, ou ainda, o meio circundante físico e psicossocial onde se desenrola a ação dos personagens. Os condicionamentos de natureza geográfico-psicológica no centro dos quais se encontra o personagem estabelecem o ambiente da obra. Formado por uma sucessão ininterrupta de imagens, o ambiente se revela por intermédio de sons, cores, odores, linhas etc. e pelo estado de tensão que transparece em formas sensíveis. (DEFINA 1976, ps.105-108).

Percebe-se ainda que, assim como a casa, o ambiente é onde tudo acontece, é onde a trama se desenvolve. É através dele que se pode ter uma noção de espaço na estória. O ambiente é o lugar onde agem as personagens, e estes podem ser percebidos por vários elementos como cor, som, linha e etc. Ambiente e casa são elementos muito importantes no conto. A paisagem e o ambiente ao redor dela são essenciais para se entender a estória. De acordo com Bachelard:

Logicamente, é graças a casa que um número de nossas lembranças estão guardadas; e quando a casa se complica um pouco, quando tem um porão e um sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem característicos. (BACHELARD, 1997,p.28.).

A casa, nesta adaptação, é a grande protagonista na medida em que percebemos que todos os que por ali passam são transformados e levam marcas consigo. Todos os que ali morrem, permanecem presos a ela, vagando como em um sonho sem fim e incompreensível. Todos ligados por um sentimento, um medo, uma emoção ou uma lembrança. Como é o caso dos zeladores. Mesmo sendo testemunhas oculares dos eventos sombrios da mansão Hill, se apegam ao imóvel implorando para que não seja destruído – esta era a vontade de Hugh após o falecimento da esposa – pois as duas filhas do casal, ambas mortas, permanecem na casa. Eles podem vê-las e ouvi-las e aquele é o único consolo de um velho casal que passou pela dor de enterrar suas duas crianças. A casa possui reações, sentimentos e interfere diretamente na vida e nas atitudes de cada um, sendo protagonista não apenas de sua própria história mas também da história de toda a família Crain.

Olivia tem alucinações e sonhos tão vívidos que a partir de determinado ponto, ela já não

diferencia o que é real ou não. A casa, determinada a absorver aquela família, faz uso de uma série de artimanhas e dos instintos maternos de Olivia, para que ela acredite que o mundo é perigoso, que seu marido lhe tomará os filhos, que a vida lá fora os fará tristes e doentes e com isso consegue que ela tente envenenar os próprios filhos. Ao falhar nessa tentativa, e ver pela janela Hugh fugindo com as crianças, Olivia se joga do alto da escadaria mergulhando para o suicídio tão esperado pela mansão.

Nell, após toda uma vida acreditando que estava fugindo da moça do pescoço torto, ao encarar a morte do marido, a dificuldade do irmão gêmeo em se libertar do vício, a distância entre os irmãos e a ausência do pai, decide que é hora de voltar para a Residência Hill e confrontar seu medo. Lá, guiada por uma série de alucinações nas quais revê sua saudosa mãe e seu falecido marido, também se suicida. É nessa hora que ela se da conta de que cumprira exatamente o roteiro da mansão: é na morte que ela descobre que a moça do pescoço torto que tanto a perseguia, era ela própria após se matar enforcada.

Luke, ao escapar com vida da tentativa de envenenamento, por sua própria mãe, passou todos os anos após aquela noite sentindo uma tristeza tão doída e tão gigante que, sem entender ou ao menos desconfiar, seguiu a risca o roteiro da casa – ao se sentir triste e com medo, ele passa a se envenenar (usar drogas), numa tentativa de que seu sangue se torne o puro veneno e ele não precise mais temer o mundo, pois haverá escuridão dentro dele próprio.

Steven passa boa parte de sua vida acreditando que sua família padece de transtornos psicológicos. Considera a morte de sua mãe um caso clássico de negligência familiar para com pessoas cuja saúde mental está comprometida. O vício de Luke e o emocional frágil de Nell culminando em um abrupto suicídio, acabam por convencê-lo de que aquele olhar transtornado e confuso de Olivia, fora herdado pelos gêmeos. Só após a morte de Nell e a necessidade de os Crain regressarem a Residência Hill, é que Steven se da conta de que a casa sempre se mostrara excepcionalmente viva para ele. Steven fora o único a conhecer a “casa na árvore” que só se mostrava aos olhos de Luke, fora o único a ver pessoas transitando pela mansão sem entender que só ele as via.

A família Crain representa uma refeição inacabada para a Residência Hill. Quando se veem obrigados a regressar a casa – pois acreditam que Luke está se dirigindo para ela para se suicidar assim como a irmã gêmea – eles são obrigados a confrontar a grande verdade que sempre se negaram a ver: a casa tem vida própria. Diante de seus olhos é descortinado o grande enigma do quarto vermelho e como todos um dia estiveram e, finalmente regressaram, ao estômago da casa. Deparam-se com as histórias, os momentos e as dolorosas verdades. Olivia ainda perambula por aqueles corredores, alimentando o sentimento de haver sido abandonada e induzida ao suicídio

porque queria desesperadamente acordar do que, para ela, era um terrível pesadelo. Vinte e poucos anos depois e sabendo que seus filhos estão de volta ao quarto vermelho, seu dever moral é permitir que a porta sempre trancada se abra e que seus filhos possam sair da casa em segurança mas, seu desejo de mãe, superprotetora, profundamente magoada e sentindo-se abandonada, quer desesperadamente unir toda a família no que ela chama de “casa para sempre”.

O que podemos perceber é que a Residência Hill também aceita acordos. Recebe a vida de Hugh no lugar dos quatro filhos restantes, deixa-os sair desde que não atentem contra ela – não tentem queimá-la, desfazer-se dela – desde que a compreendam e a vejam tal qual ela se mostra, como um organismo vivo, com uma história particular, com fome de vidas, que se reveste e transforma, que brinca e manipula, que guarda segredos e recordações diversas. Reconhecer essa identidade ativa da mansão faz parte da barganha que mantém os antigos inquilinos vivos. Steve, Shirley, Theo e Luke, durante anos negaram a influência da Residência Hill em suas vidas, fugindo de lembranças dolorosas e confusas porque de algum modo, essa fuga sem rumo e as cegas era melhor do que admitir a presença de forças tão pesadas. Entender o que realmente se passara na madrugada que mudou suas vidas, compreender enfim que tipo de mal acometera Olivia, Nell e Hugh, ser capazes de perdoarem uns aos outros e a si mesmos por anos de isolamento afetivo e tranças emocionais é como abrir portas em si mesmos, se permitir ir além dos cômodos conhecidos, confiáveis e suportáveis para descobrir que há beleza em outras áreas pouco exploradas.

Compreender porque a casa é a protagonista dessa adaptação é perceber com que sutilezas ela é descrita, como ela se mostra, com características tipicamente humanas: solitária, silenciosa e cheia de incógnitas. Também é amargurada, sombria, ressentida e morbidamente cruel, "(...) Era uma casa sem bondade, jamais feita para ser habitada, não era um lugar adequado a pessoas ou ao amor ou à esperança. O exorcismo não consegue mudar o semblante de uma casa; a Casa da Colina continuaria igual até ser destruída."

3 – Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi refletir sobre a adaptação *A Maldição da Residência Hill*, pela plataforma de streaming Netflix, a partir da obra de Shirley Jackson, observando as artimanhas utilizadas para que se compreendesse que a mansão era a grande protagonista desta história e que, muitos embora também tivessem sua importância reconhecida para o desenrolar da trama, os inquilinos são marionetes, uma “refeição” a ser digerida. A Residência Hill, com uma força poderosa, capaz de influenciar os moradores e a sua profunda e estranha relação com a família, faz com que a casa seja vista tanto como uma protagonista da história como também o ambiente no qual a mesma história se desenvolve. A mansão representa muito mais do que o local onde se reside. Ela

representa o ser interior, o seu habitante. Ainda no capítulo, falou-se também sobre a influência do ambiente sobre as personagens, servindo como moldura para suas próprias personalidades.

Ambientes como protagonistas não são simples de se compreender. Vale lembrar por exemplo que ao buscar na memória, casas como protagonistas, o que mais rapidamente nos vem a mente é o conto *A Queda da Casa de Usher*, de Edgar Allan Poe. Neste, a casa que também carrega toda uma simbologia e uma significação intrínseca, inclusive do ponto de vista da psicanálise, espelha seus moradores, apresentando fissuras em sua estrutura que se assemelham as fissuras morais e emocionais de seus inquilinos. As relações estremecidas e confusas representadas por uma ambientação cinzenta, monótona, até mesmo sombria, culmina no fim trágico, porém anunciado dos irmãos e o subsequente desmoronamento da propriedade. Aqui a casa é um reflexo do que abriga e padece externamente devido ao seu interior de relações supostamente putrefadas. Jackson em sua obra, e de modo ainda mais visível na adaptação aqui apresentada, nos apresenta uma casa que, ao contrário da obra de Allan Poe, se alimenta daquilo que abriga, se fortalecendo, se impondo, devorando seus inquilinos, não se deixando afetar por eles e tampouco padecendo a quaisquer tentativas de danificá-la. Em contrapartida a ideia tão naturalizada de que uma casa é um abrigo contra o frio, o abandono, o perigo das ruas, contrariando o princípio de casa como um lar, um local de recordações que, boas ou ruins, formam a cada pessoa, propor o protagonismo de um imóvel como autenticamente maligno e manipulador, é um mergulho profundo nos mais diversos tipos de medos atrelados a moradia.

Shirley Jackson não obteve em vida o reconhecimento a altura de sua produção, academicamente, os trabalhos pesquisando sua obra ainda são poucos. Nessa linha, reflexões como a que se pretendeu aqui, ainda são escassas, entretanto, nada impede que Shirley continue abrindo caminhos fazendo-se presente nas prateleiras e nas tv's, levando sempre novos inquilinos para a Residência Hill de modo que esta nunca venha a sentir fome.

Referências Bibliográficas

- CARPENTER, Lynette. **Shirley Jackson: A Study of the Short Fiction**, by Joan Wylie Hall (resenha literária). *South Central Review*, Vol. 11, Nº 3, 1994, p. 67-68.
- HALL, Joan Wylie. **Shirley Jackson: a study of the short fiction**. New York: Twayne Publishers, 1993.
- HWANG, Eunju. **Writing is the way out: Shirley Jackson's domestic stories and We Have Always Lived in the Castle**. *Feminist Studies in English Literature*. Vol. 17, N. 2, 2009, p. 103-104.
- KING, Stephen. **Danse macabre**. New York: Berkley Books, 2001.
- LOA. The Library of America interviews Joyce Carol Oates about Shirley Jackson. The Library of America e-Newsletter. May 13, 2010. Disponível em: <http://www.loa.org/images/pdf/LOA_Oates_on_Jackson.pdf>. Acesso em: 21 jun 2011.
- LOOTENS, Tricia. **Shirley Jackson: a study on the short fiction** (resenha literária). *South*

Atlantic Review, Vol. 59, Nº 1, 1994, p. 160-162.

BACHELARD, Gastón. **A Poética do Espaço**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BACHELARD, Gastón. **A Água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

COUTINHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. 2º. Ed. São Paulo: Ática, série Princípios, 1997.

DEFINA, Gilberto. **Teoria e Prática de Análise Literária**. São Paulo: Pioneira, 1975. DIMAS, Antônio. **Espaço e Romance**. 2º. Ed. São Paulo: ÁTICA, Série Princípios, 1993. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio Século XXI Escolar: O Minidicionário da Língua Portuguesa**. 4º. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FILHO, Domicio Proença. **A Linguagem Literária**. 6º. ed. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1997.

TODOROV, Tzvetan. **As Estruturas Narrativas**. Tradução de Leyla Perrone Moisés. 14º. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**. 3º. ed. São Paulo: Perspectiva, 1975.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura**. 3º. ed. Biblioteca Universitária, 1976.